



TURISMO E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA EM PETROPÓLIS – RJ: um estudo dos limites e potencialidades do circuito turístico eco rural “Caminhos do Brejal” para o desenvolvimento do turismo de base comunitária (TBC)

Julia de Menezes Machado¹
Luciana Bittencourt Villela²

RESUMO

O artigo traz contribuições importantes relacionadas à estratégia do desenvolvimento do turismo a partir de bases locais comunitárias no ambiente rural. Por meio de uma revisão de literatura e pesquisa *in loco*, o estudo visou avaliar os limites e potencialidades do circuito turístico “Caminhos do Brejal” para desenvolver o Turismo de Base Comunitária (TBC). Os resultados do estudo apontam que, embora as potencialidades superem as limitações, a principal barreira existente está atrelada à falta de integração social interna entre o grupo de produtores da região. Conclui-se que, quando esses se conscientizarem disso, tal limitação deixará de ser um obstáculo para a integração social necessária na atividade do turismo de base comunitária.

Palavras-chave: desenvolvimento local; turismo de base comunitária; circuito Caminhos do Brejal.

ABSTRACT

The article brings important contributions related to the strategy of tourism development from local community bases in the rural environment. Through a literature review and on-site study, the study aimed to evaluate the limits and potentialities of the "Caminhos do Brejal" tourist circuit to develop Community-Based Tourism (CBT). The results of the study indicate that, although the potentialities outweigh the limitations, the main existing limitation is linked to the lack of internal social integration among the entire group of producers in the region. It is concluded that, when they become aware of this, this limitation will no longer be an obstacle to the necessary social integration in the activity of community-based tourism.

Keywords: local development; community-based tourism; Caminhos do Brejal circuit.

¹Pós-Graduada em Gestão de Turismo e Desenvolvimento Regional (UFJF). E-mail: juliamenezes196@gmail.com

² Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Ciência Ambiental pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: luciana.bittencourt@ufjf.br



1 INTRODUÇÃO

Petrópolis é conhecida como uma Cidade Imperial, devido à importante trajetória da família imperial portuguesa. Sua estrutura arquitetônica e cultural é formada por construções históricas que remontam ao período do Brasil Imperial, exercendo maior influência na parte urbana da cidade, especialmente em seu centro histórico, situado no Primeiro Distrito de Petrópolis, onde estas construções estão mais presentes (Petrópolis, 2023). Contudo, em sua zona rural, também há outros atrativos que também refletem a história, as experiências e o modo de vida da cultura local.

A região oferece um turismo extremamente plural, com atrativos dos mais diversos, sendo outra particularidade da oferta turística de Petrópolis os Circuitos Ecorrurais, realizados na zona rural da cidade. Esses circuitos proporcionam o contato com belas paisagens e o conhecimento sobre as atividades dos produtores locais, podendo o turista ter contato com uma produção de bases locais por meio do turismo no ambiente rural.

Os autores Azevedo e Miranda (2017) destacam que os circuitos nasceram como uma estratégia de diversificação dos atrativos turísticos oferecidos pelo município, além dos roteiros tradicionais do centro histórico. Na perspectiva desses autores, os circuitos na cidade de Petrópolis possibilitam a ampliação da renda no meio rural, em vista dos efeitos causados pela sazonalidade na agricultura local. Neste sentido, o turismo surge como uma nova alternativa econômica atrativa na região.

Os cinco circuitos de Petrópolis são conhecidos como: Araras-Videiras, Caminhos do Brejal, Pedras do Taquaril, Rota Secreta de Secretário e Vale do Bonfim. Entretanto, para o presente estudo, foi delimitado como *locus* a comunidade que participa da operação do Circuito Eco Rural Caminhos do Brejal.

Uma particularidade do circuito “Caminhos do Brejal” é a gestão de sua operação por uma Associação Sócio Educativa e de Turismo Eco Rural; que por meio da participação coletiva, entre os produtores rurais, artesãos e empreendedores rurais, ofertam como atrativos a gastronomia, os fazeres e saberes, as residências campesinas, o ambiente natural e o modo de vida rural.

A estratégia de desenvolvimento do turismo apoiado nos valores locais, à parte do ambiente rural, também é utilizada no turismo de base comunitária. Para Xavier (2007, 61), um



dos motivos principais que favorecem o uso desse tipo de estratégia “[...] é a perspectiva de motivar o aparecimento de empreendedores da própria comunidade”. Essas similaridades existentes tanto no turismo apoiado em base local rural quanto no turismo de base comunitária em outros ambientes; vilas, povoados, bairros periféricos das grandes cidades (Xavier, 2007), produzem uma linha tênue entre ambos no que diz respeito às suas concepções enquanto estratégias de desenvolvimento local.

Em relação à iniciativa do circuito “Caminhos do Brejal”, também foi observado que, como modalidade turística apoiada em base local, não foi denominada como um turismo de base comunitária no inventário turístico do Plano Diretor Municipal de Petrópolis. Então, foi identificada uma questão referente às bases sociais locais do circuito: quais são as limitações e potencialidades do circuito Caminhos do Brejal para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária?

O objetivo geral dessa pesquisa trata-se de realizar uma análise das potencialidades e limitações ao desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, envolvendo a pequena comunidade rural do 5º distrito de Petrópolis–RJ, que fazem parte do circuito turístico denominado: “Circuito Eco Rural Caminhos do Brejal”. Além do objetivo central, foi formulado como objetivos específicos: a) construir um referencial teórico que subsidiasse a análise do turismo comunitário como modelo de desenvolvimento turístico; b) realizar o levantamento de onde partiu a iniciativa principal de criação do circuito; c) apresentar os atrativos existentes no circuito; d) avaliar os limites e potencialidades do circuito Caminhos do Brejal para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no município de Petrópolis.

A justificativa para o estudo, inicialmente, partiu da experiência profissional da autora com o segmento do turismo social, no qual promove, através da atividade turística, passeios e excursões a uma camada da população com menor poder aquisitivo; cooperando com as premissas do segmento na mitigação das desigualdades sociais, no desenvolvimento sustentável do setor, na educação para e pelo turismo, o respeito pela região, por seus atores locais, entre outros. Ademais, de uma perspectiva acadêmica, ao longo do processo de amadurecimento sobre as abordagens teóricas do Curso de Gestão de Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional do Turismo; compreendeu-se sobre a importância da participação da comunidade local nos processos que envolvam o planejamento da atividade turística, tendo em vista a busca pelo desenvolvimento turístico de forma sustentável.



Essa reflexão parte da premissa de que, quando as decisões são tomadas de forma colaborativa, priorizando-se a coletividade, o turismo tende a prosperar de maneira mais equitativa e responsável.

Como metodologia para esse estudo adotou-se a pesquisa qualitativa, de caráter exploratório que consistiu, principalmente, em levantamento bibliográfico e documental para construção do referencial teórico e caracterização do objeto de estudo. Para a identificação dos limites e possibilidades do Circuito Turístico como uma prática de Turismo de Base Comunitária, realizou-se uma pesquisa de campo no dia 03 de dezembro, onde foram feitos levantamentos sobre os atrativos, bem como entrevistas com os envolvidos nas ações do Circuito. Além disso, para a análise dos resultados foi utilizado um quadro com os elementos que compõe o Turismo de Base Comunitária desenvolvido por Fabrino, Nascimento e Costa (2016). Este quadro de análise conceitual, adaptado dos autores, foi aplicado ao Circuito Caminhos do Brejal para identificar os elementos que apresentavam potencial e limitação no desenvolvimento dessa prática de turismo, tais como a **Dominialidade, Organização Comunitária, Democratização de oportunidades e repartição de benefícios, Integração econômica, Interculturalidade e Qualidade ambiental.**

Vale ressaltar que essa análise conceitual foi originalmente utilizada pelos autores em estudos envolvendo iniciativas afiliadas à Rede Tucum, que promove a articulação de comunidades engajadas na prática do Turismo de Base Comunitária no Ceará. Além disso, a análise inclui critérios e subcritérios que fundamentaram empiricamente o trabalho dos autores. Contudo, para o propósito deste estudo, a subdivisão em critérios e subcritérios não foi adotada.

O trabalho será apresentado em quatro seções. Na primeira, são apresentadas as primeiras aproximações sobre o desenvolvimento do turismo, na qual é abordada a sua visão convencional e o surgimento do turismo de massa. Aborda-se também o desenvolvimento do turismo de base comunitária e sua forma de atuação no meio rural. A segunda seção trata-se de uma análise sobre os circuitos turísticos como ferramenta de planejamento e gestão do turismo e a operação do circuito Caminhos do Brejal. Na terceira seção, são apresentados os resultados e a análise realizada dos limites e das potencialidades do circuito turístico Caminhos do Brejal para desenvolver o turismo de base comunitária na cidade de Petrópolis. Na quarta seção, seguem as considerações finais.



2 Desenvolvimento do Turismo: primeiras aproximações

O turismo desempenha um papel significativo na promoção do crescimento econômico, na mitigação das desigualdades sociais, na geração de emprego e no estímulo ao comércio local. Além disso, ele é considerado um fenômeno social, uma vez que está intrinsecamente vinculado às relações sociais. Se analisarmos, a partir da Revolução Industrial, o turismo surge, sendo em parte, um resultado da conquista do trabalhador e elemento formador de uma identidade operária, sendo sua expansão relacionada também à medida que as conquistas trabalhistas se expandem (Branco; Magalhães, 2020). Em suas primeiras aproximações, a visão capitalista predominava o setor como uma “fábrica”.

Em contrapartida, uma definição que conceitua o turismo a partir de um pensamento sustentável, que vai na contramão da concepção mercadológica do turismo, é a de Irving (2015, p. 51): “O turismo constitui fenômeno complexo e plural da contemporaneidade e traduz, cada vez mais, as representações de mundo e os modos de ser e existir em sociedade”. Assim, é crucial observar que, na perspectiva convencional, o desenvolvimento do turismo está atrelado ao discurso de mercado, onde, geralmente, é comparado com uma “indústria sem chaminé”. O termo indústria está associado à própria dinâmica de funcionamento de uma sociedade industrializada. Coriolano (2006 *apud* Teixeira *et al.*, 2012, p. 72) “destaca que na sociedade industrial, a atividade (turística) tornou-se um fenômeno de massa, estandardizado, podendo atender a um maior número de pessoas das classes médias”. Tal fato está associado, conforme Branco e Magalhães (2020, p. 4), “às conquistas trabalhistas dos séculos XIX e, em especial, do século XX, a atividade turística é intensificada, possibilitando o surgimento do chamado turismo de massa”.

Para Singer (2004, p. 9), “desde a primeira Revolução Industrial, o capitalismo esteve no comando do desenvolvimento, sem excluir, no entanto, formas alternativas de desenvolvimento que hoje surgem como solidárias”. Os autores Tito, Brumatti e Nóbrega (2017) acrescentam que, na era moderna, especialmente com o avanço da industrialização, o turismo se tornou uma maneira de escapar das demandas e do estresse da vida cotidiana nas cidades. Eles explicam que as pessoas buscavam alívio do ritmo acelerado e das pressões associadas ao trabalho, encontrando no ato de viajar uma forma de garantir tempo livre para si mesmas. (Tito; Brumatti; Nóbrega, 2017).



Já no período da Pós-Modernidade, caracterizada por sua complexidade cultural e social, juntamente ao processo de globalização mundial, surgem novas perspectivas e valores em relação às experiências de viagem (Tito; Brumatti; Nóbrega, 2017). Com isso, a produção de massa do turismo passa por uma diversificação, permitindo uma maior personalização dos produtos e dos serviços oferecidos, e segmentando o turismo consoante o perfil de cada indivíduo. Além disso, novos grupos sociais passam a usufruir do lazer, buscando experiências autênticas, imersivas, com valorização da cultura local e a interação com as comunidades locais.

Tanto as mudanças estruturais nas condições de vida em sociedade quanto as mudanças de percepção do turista influenciam a visão sobre a atividade turística na modernidade. Para o autor Zaqual (2009, p. 57):

essa multidão de anomalias que recai sobre o turismo dominante serve a compreender as novas tendências da consumação turística. A crise do reinado da **quantidade** abriu então a porta à **qualidade**. O que é também sinônimo de uma crise do paradigma e das práticas clássicas do turismo em geral, abrindo assim o caminho a novas aproximações.

Dessa forma, em oposição ao turismo de massa, surge uma abordagem alternativa, denominada turismo sustentável. Essa prática sustentável é resultado da mobilização e participação ativa de diversas comunidades, incluindo rurais, indígenas, quilombolas, pesqueiras, no qual visa promover o desenvolvimento econômico, cultural e social das comunidades envolvidas, ao mesmo tempo, em que preserva os recursos naturais e culturais da região (Guzzati *et. al.*, 2013).

Vimos que as mudanças decorrentes do advento da globalização impactaram, na modernidade, a estrutura das condições de vida e a própria percepção do turista em relação ao turismo. Na contramão da ideologia de um turismo massivo voltado para o mercado, outras abordagens de cunho participativo comunitário abriram o caminho para novas possibilidades e aproximações do turismo por meio de um turismo solidário. Essas novas abordagens são conhecidas como turismo solidário, turismo comunitário ou turismo responsável (Guzzati *et al.*, 2013). Na sequência, será visto como a participação comunitária nas atividades turísticas contribuiu para o desenvolvimento do turismo de base comunitária (TBC).



2.1 Desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária

Para Irving (2009), o Turismo de Base Comunitária, durante muitos anos, foi subestimado em comparação às abordagens mais convencionais. A autora também cita que sua discussão era considerada marginal e até por vezes em uma visão mais romântica, não sendo reconhecido ou valorizado, em comparação às tendências mais dominantes do turismo global, que geralmente se concentram em grandes centros turísticos e práticas comerciais tradicionais. Em suma, poucas eram as iniciativas que abordavam esse tema, até metade da década de 90:

Quando um movimento coletivo de pesquisadores de diferentes inserções institucionais e regiões do país, reafirmou a intenção de desenvolver esta discussão, no âmbito dos Encontros de Turismo de Base Local (ENTBL). As diversas edições deste encontro, desde então, ilustraram, de maneira evidente, a demanda silenciosa por fóruns desta natureza e o interesse interdisciplinar pelo tema. Da mesma forma, estes encontros viabilizaram a consolidação de redes não formais de pesquisadores engajados nesta reflexão que, a partir de então, passaram a desenvolver pesquisas em colaboração, projetos em parceria com a gestão pública, e a publicar importantes textos de referência em pesquisas sobre o tema (Irving, 2009, pp.109-110).

Outros fatores também contribuíram para a disseminação de iniciativas voltadas para o Turismo de Base Comunitária, como a visão do turismo sendo interpretada como um setor que promove a inclusão social, gerando discussões sobre a importância da participação social e governança democrática no âmbito internacional. Ademais, no que tange ao planejamento da atividade, o olhar para a comunidade local como uma estratégia de sustentabilidade e sucesso, de longo prazo, do setor, na geração de benefícios tangíveis e intangíveis também para os residentes locais. Em âmbito global, também surgem novas tendências para o turismo, trazendo práticas sustentáveis e atraindo um perfil de turistas que buscam destinos menos convencionais, com maior conexão com a natureza, em busca de novas experiências, alinhadas a práticas de responsabilidade social e ambiental (Irving, 2009).

Em 2007, o Turismo de Base Comunitária ganhou reconhecimento nas agendas do Ministério de Turismo, conforme destacado por Conti e Antunes (2020). Durante o 35º Congresso Brasileiro de Agências de Viagens, pesquisadores do Instituto Virtual do Turismo do Rio de Janeiro promoveram uma reunião para debater esse tema, envolvendo não apenas o MTur, mas também outros órgãos governamentais (Ministério do Meio Ambiente e Ministério do Desenvolvimento Agrário) e iniciativas relacionadas ao TBC. Essa colaboração resultou em avanços para o movimento de TBC no Brasil, incluindo o lançamento do pioneiro Edital MTur



001/2008 (Conti; Antunes, 2020). Este edital foi projetado para apoiar iniciativas de turismo de base comunitária e facilitar sua integração na economia de mercado, alinhando-se com os princípios da economia solidária.

Outro marco para o tema no Brasil, foi a publicação do livro “ Turismo de Base Comunitária diversidades de olhares e experiências brasileiras”, organizado por Roberto Bartholo, Davis Gruber Sansolo e Ivan Bursztyn (2009). Tal publicação assumiu relevância diante dos desafios de diversificação da oferta turística brasileira, aliado ao propósito de fomentar o turismo como um impulsionador do desenvolvimento local. Além disso, conforme relata no livro, contribuiu para o diálogo entre a produção acadêmica sobre o tema e as iniciativas de política pública do Ministério do Turismo, especialmente no apoio às atividades de turismo de base comunitária (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009).

Para Maldonado (2009, p. 29) o turismo comunitário compreende uma estrutura empresarial, no qual é “sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, conforme as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos”. Ademais, o turismo comunitário vai além de um planejamento descentralizado e associativo. Ele busca ativamente contribuir para que reivindicações sociais das comunidades locais sejam reconhecidas e tenham visibilidade com temas de interesse geral. Assim, se por um lado, essa prática promove a integração das comunidades na cadeia produtiva do turismo, permitindo sua participação e beneficiamento das atividades turísticas, por outro, impulsiona questões sociais e promove práticas responsáveis, na consciência de que lazer e turismo também estão associados a prática de responsabilidade social (Guzzati *et al.*, 2013).

Assim, com base nos conceitos do TBC, a autora Irving (2009) sintetiza que essa prática somente se desenvolve quando os protagonistas dos destinos forem sujeitos ativos, e não objetos passivos, no processo de desenvolvimento do turismo. Os autores Fabrino, Nascimento e Costa (2016) também destacam, tendo em vista os princípios, premissas, objetivos e componentes do TBC encontrados na literatura, alguns elementos-chave do turismo comunitário, descritos segundo o quadro abaixo:



Quadro 1 Elementos que compõe o TBC

Dominalidade	Refere-se ao grau de domínio da comunidade sobre os aspectos de controle, propriedade e gestão da atividade turística;
Organização comunitária	Refere-se ao modelo e processo de gestão consolidado em torno do TBC, além de sua interação com o ambiente externo;
Democratização de oportunidades e repartição de benefícios	Refere-se à existência de mecanismos/acordos que contribuem para a repartição dos benefícios advindos da atividade turística na localidade e para a democratização de oportunidades no acesso de seus membros às atividades relacionadas ao turismo;
Integração econômica	Evidencia a integração do turismo com as outras atividades econômicas da localidade, identificando novos arranjos surgidos a partir do seu advento.
Interculturalidade	Relaciona-se com o intercâmbio cultural e a troca de referências e experiências estabelecidas entre os turistas e a comunidade local;
Qualidade ambiental	Refere-se às condições da comunidade com relação ao saneamento ambiental e, ainda, às formas de manejo dos recursos naturais locais.

Fonte: adaptado de (Fabrino; Nascimento; Costa, 2016).

Neste caso, um diferencial do turismo comunitário está associado à sua dimensão humana, cultural e antropológica, que incentiva o diálogo entre membros da comunidade e os visitantes, proporcionando encontros interculturais, além disso, se diferencia ao se desenvolver em uma escala limitada, determinada pelos recursos locais, potencialidades e restrições identificadas, com a participação direta das populações envolvidas. Cabe mencionar que o turismo comunitário não se constitui como uma alternativa destinada a substituir o turismo de massa em termos de geração de receita, mas a uma nova filosofia de se pensar o turismo (Maldonado, 2009; Irving, 2009).



Essa nova filosofia de se pensar o turismo apoiado nos valores e bases locais também se aplica ao contexto rural, onde o TBC pode ser desenvolvido aproveitando-se os recursos naturais e culturais específicos da região como atrativos turísticos. Com isso, essa abordagem de base comunitária no meio rural pode gerar contribuições não apenas para o desenvolvimento econômico, mas também para a preservação da identidade cultural e ambiental do local. No tópico a seguir, serão vistas as práticas e os impactos do Turismo de Base Comunitária no contexto rural.

2.2 Turismo de Base Comunitária no contexto rural

Segundo Teixeira *et.al.* (2012, p.72), “a inserção da atividade turística no espaço rural transcorreu na trilha em que se delinearão rompimentos com as noções da modernidade, paradigma que alicerçou e ainda alicerça o turismo de base fordista e a modernização da agricultura”. Em outras palavras, o turismo no meio rural promove uma ruptura das ideias e práticas associadas ao Período Histórico da Modernidade, no qual era caracterizado pela produção em massa. Diferente das práticas convencionais, o turismo no meio rural não atrai grande número de turistas, o que conseqüentemente ocasiona a superlotação de destinos, mas enfatiza as experiências ligadas à vida no campo, muitas vezes em pequenos grupos sociais, comunidades menores ou regiões agrícolas, promovendo a autenticidade e preservação da cultura local.

Somado às características desse modelo de turismo, Teixeira *et.al.* (2012) destacam que o turismo rural também surge como uma alternativa ao contexto da modernização do campo, onde muitos proprietários rurais não se encaixam nesse processo de modernização, e assim, elaboram estratégias através da atividade turística. Além disso, os autores destacam que:

O turismo surgiu no espaço rural brasileiro em meados de 1980, no contexto da ascensão do turismo pós-fordista e começou a se expandir e fortalecer nos anos 1990 concomitantemente ao fortalecimento das novas ruralidades, as quais se alicerçaram na adesão dos agricultores a atividades não-agrícolas, as quais atribuem outras funções ao campo, na pluriatividade da família e na valorização do rural, enquanto lugar de produção, paisagem e cultura. Essas transformações que permearam o campo nos anos 80 e 90, e hoje estão consolidadas e disseminadas no rural brasileiro (Teixeira *et al.*, 2012, p.74).

De fato, o ambiente rural possui um grande potencial para o desenvolvimento de atividades turísticas, uma vez que o turismo rural oferece uma experiência única, permitindo



que os visitantes se conectem com a natureza, com a cultura local e as tradições agrícolas. Entretanto, os autores Azevedo e Miranda (2017) ressaltam que essa experiência só é aproveitada em sua totalidade, quando bem planejada e desenvolvida a partir da integração com a comunidade local. Conforme a plataforma eletrônica do Instituto Brasil Rural [s.d.], o Turismo Rural Comunitário (TRC) cresceu significativamente nos últimos anos, tornando-se um fenômeno social de grande importância. Essas atividades envolvem diversos participantes, atores locais, que refletem novos valores e se propagam como um tema de interesse e objeto de pesquisa em diversos meios, à procura de reconhecimento dos elementos representativos envolvidos, ainda passíveis de reformulações.

Em contrapartida, os autores, Teixeira *et.al.* (2012) destacam que o Turismo Rural utiliza uma estratégia que contribui para a revitalização de comunidades rurais, sendo necessário esse alicerce do planejamento da atividade a partir de ações endógenas, contribuindo para a valorização dos aspectos locais e para o incremento da economia local. Tais características estão elencadas nos princípios solidários.

Nesse contexto, Maldonado (2009, p. 26) destaca que o Turismo Rural Comunitário pode ser caracterizado:

[...] um segmento do mercado especializado (nicho) ao dirigir-se a pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais e de uma remuneração adequada do trabalho comunitário. Esta modalidade contrasta com o padrão convencional do turismo de massa, cujos pacotes rígidos e impessoais obedecem a uma lógica econômica de um retorno imediato e máximo dos investimentos.

Além disso, o TRC surge das necessidades econômicas e trabalhistas de grande parte das comunidades que tentam superar suas carências, como a vontade de melhorar a qualidade de vida e reduzir a pobreza, sendo uma das alternativas a atividade turística. Para Blanco (2009), essa conexão criada entre o turismo e o estilo de vida das famílias rurais vem se desenvolvendo como uma estratégia muito promissora para o desenvolvimento da localidade, tendo em vista que as oportunidades sempre estiveram disponíveis no meio rural, mas que não foram plenamente aproveitadas. Essas oportunidades incluem aspectos como a falta de políticas públicas locais e a ausência de uma mentalidade empreendedora baseada no associativismo e cooperativismo. Atualmente, diversas estratégias estão sendo exploradas de maneira sustentável.



A título de exemplo, algumas estratégias associadas à atividade turística são os múltiplos eventos com circuitos e rotas turísticas alinhados às tradições culturais e às condições naturais das regiões (Blanco, 2009). Veremos a seguir que a funcionalidade dos circuitos turísticos, como ferramenta de planejamento e gestão do turismo, pode contribuir para a potencialização das oportunidades turísticas nas regiões rurais.

2.3 Circuitos turísticos como ferramenta de planejamento e gestão do turismo

Fuini (2014, p. 46) conceitua circuitos turísticos, como “[...] ferramenta de governança para planejamento e gestão territorial do turismo, diante de processos crescentes de descentralização da política turística do âmbito nacional para o estadual e intermunicipal”. Além disso, o autor cita que os circuitos correspondem a áreas geográficas específicas que abrangem municípios próximos. Essas áreas são caracterizadas pela presença predominante de elementos culturais, históricos e naturais que as tornam atrativas para os visitantes. A colaboração entre os setores público e privado é fundamental nesse contexto, pois os municípios se unem para fortalecer seus atrativos turísticos e melhorar as instalações e serviços disponíveis (Fuini, 2014).

Na perspectiva dos autores Azevedo e Miranda (2017, p. 6), os circuitos turísticos rurais são caracterizados como “um conjunto de atividades turísticas, desenvolvidas no meio rural, ao longo de vias de acesso a propriedades e atrativos que formam o circuito, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.”

A concepção de circuitos turísticos como ferramentas estratégicas de planejamento e gestão do turismo está atrelada a uma nova fase em que se começou a pensar em uma estratégia turística coerente com a realidade brasileira (Xavier, 2007). Nesse contexto, isso ocorreu “[...] para atender ao grande número de pequenos municípios, que aderiram à expectativa do turismo como fonte geradora de emprego e de renda” (Xavier, 2007, p. 60).

No que diz respeito à cidade de Petrópolis:

existe o interesse pelo trade em se beneficiar mais dos títulos de capital estadual “da cerveja”, “do casamento”, “dos produtos orgânicos” e “do canto coral”. Sobre o primeiro escopo, no município de Petrópolis já há um circuito cervejeiro bem delineado, composto por 9 cervejarias locais, a saber: Bohemia, Grupo Petrópolis (Cervejaria Itaipava), *BrewPoint*, *Colonus*, *Odin*, *Alter*, *Doutor Duranz*, da Corte e



Duas Torres (Prefeitura de Petrópolis, [s.d.] *apud* Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2023, pp. 284-285).

Com relação aos produtos orgânicos, uma possibilidade de atuação estaria vinculada a criação de roteiros turísticos que apresentem os principais produtores deste insumo, seguindo uma lógica operacional parecida dos Circuitos Ecorrurais Petropolitanos, situados nos bairros de Araras, Brejal, Taquaril e Vale do Bonfim. Através desses roteiros, os turistas poderiam conhecer as especificidades de uma produção orgânica, ao mesmo tempo, em que consomem e compram esses insumos (Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2023, pp. 284-285).

Será visto na sequência que o circuito “Caminhos do Brejal”, dependendo do ponto do trajeto, opera consoante a essa lógica na qual os insumos orgânicos da produção local são apresentados aos visitantes que podem simultaneamente consumir e comprar os produtos correspondentes a produção da agricultura familiar local.

2.4 Circuito Turístico Eco Rural Caminhos do Brejal

Segundo o *site* da Secretaria Municipal de Turismo de Petrópolis (TURISPETRO) [s.d.], o Circuito Eco rural “Caminhos do Brejal” faz parte de um dos circuitos oferecidos em áreas rurais do município de Petrópolis.

O circuito está localizado no Distrito da Posse, a cerca de 60 minutos do Centro Histórico de Petrópolis e próximo ao distrito de Itaipava, fazendo fronteira com os municípios de Teresópolis e São José do Vale do Rio Preto. O local é considerado um pequeno “paraíso rural”, por muitos turistas e veranistas. Além disso, é conhecido por suas plantações de flores, ervas aromáticas, hortaliças e legumes, sendo uma referência da agricultura orgânica. Os visitantes têm a oportunidade de explorar propriedades rurais, conhecer plantações, jardins de ervas aromáticas, estufas, além de participar de atividades como a fabricação artesanal de conservas e geleias orgânicas. O circuito também oferece a visita a um haras com baias abertas para observação, criação de *escargots*, ateliê de artesanato da comunidade local, pousadas, restaurantes e muitas outras experiências locais.

Votre *et.al.* (2017) citam que os moradores do Brejal ao longo de sua história têm manejado esse território com o propósito de alcançar autonomia e geração de renda, que podem trazer benefícios para os residentes. O local também é considerado uma referência para a atividade turística.



O Brejal tem cumprido e realizado a função social do território ocupado, em um processo endógeno, mas com fortes interações externas, com instituições de pesquisa, iniciativa privada, consumidores, mídia e outros segmentos da sociedade. O Brejal apresenta-se, portanto, com sucesso, pelo seu modelo comunitário local, reocupando território, trabalhando de forma coletiva e interagindo com a “Grande Sociedade” (Votre *et.al.*, 2017, p. 64).

Conforme o *site* da Turispetro [s.d.], ao todo o circuito é composto por 19 propriedades rurais, abertas à visitação, reunindo as mais variadas experiências rurais e artesanais. Dentre as propriedades, é mencionado algumas que fazem parte do circuito: o Armazém Sustentável, Ateliê Arte em Comum, Ateliê Jean Ruffier, Barkeria, Capela Nossa Senhora da Glória, Escargot Invernada, Fazendas Pedras Altas Orgânicos, Fazenda Vira-Mundo, Haras Massangana, Horto Brejal, Provence Ervas Finas, Sítio Candeias, Sítio do Canto, Sítio Jequitibá, Sítio Katsumoto, Sítio Santa Rosa de Lima, Pousada Melo e o Sítio Vaca do Brejo.

É importante salientar, que as visitas só podem ser realizadas, mediante agendamento prévio com a Associação Sócio-Educativa e de Turismo Eco-rural do Circuito Caminhos do Brejal, através do telefone, ou por meio da empresa Jeep Tour, que também opera o circuito, proporcionando um passeio exclusivo e mais acolhedor (TURISPETRO, [s.d.]). Na figura 1 abaixo, é apresentado o mapa do Circuito Caminhos do Brejal, obtido do *site* da Jeep Tour [s.d.], no qual mostra a distribuição das propriedades ao longo do circuito. Entretanto, essa é uma versão desatualizada do mapa. Até o presente estudo, não há disponível um mapa compondo as novas propriedades que aderiram ao circuito.



Figura 1 Mapa Circuito Caminhos do Breal



Fonte: *Jeep Tour*

2.5 Resultados: análise dos limites e potencialidades do circuito Caminhos do Breal desenvolver o TBC

Nesse tópico, com base na literatura supracitada e a partir da pesquisa *in loco*, serão apresentados os resultados da pesquisa. Durante a visita, realizada no dia 03 de dezembro de 2023, realizou-se o circuito que contemplou cinco atrativos: a) **Capela Nossa Senhora da Glória**: Durante a visita, é retratado sobre as pinturas nas paredes da igreja, que remetem ao meio rural, além dos santos de devoção dos proprietários. A capela não cobra taxa para visitação. É uma propriedade privada que realiza pequenos eventos religiosos locais, com agendamento prévio. b) **Haras Massangana**: A visita contemplou a observação às baias e a experiência sobre como funciona uma propriedade dedicada à criação e treinamento de cavalos de salto. A visita também contou com uma caminhada pela extensa área verde do local, no qual acontecem também campeonatos de salto. É possível ao visitante realizar cavalgadas com os



animais, sendo o passeio cobrado a parte. Em razão do tempo para visitação nos demais atrativos, a cavalgada não foi realizada. c) **Provence Ervas Finas**: O local é uma fazenda de produção de ervas finas. Na propriedade, é possível visitar os jardins de ervas aromáticas e receber dicas de receitas especiais. Para os amantes da gastronomia, o local possui uma rica proposta de experiência rural. A Fazenda Provence Ervas Finas também possui um restaurante que atende ao público e uma loja em estilo provençal com ervas desidratadas, azeites aromatizados e conservas de pimentas. d) **Armazém Sustentável**: Nesta parte do roteiro, os visitantes fazem um “bate-papo” com o proprietário da indústria artesanal de conservas e geleias orgânicas. A conversa ressalta a importância dos produtos orgânicos e práticas sustentáveis da produção de alimentos orgânicos. No final da visita guiada à unidade de produção, o visitante pode degustar os produtos. Alguns dos produtos degustados foram as geleias de jaboticaba, de tomate, berinjela, entre outros. e) **Sítio Candeias**: É uma propriedade de agricultura orgânica familiar. A visita, guiada pelo casal de proprietários, conta a história do sítio e de seus antepassados. Os visitantes também podem conhecer a horta orgânica, os saberes e fazeres sobre a criação de galinhas e como é realizado o processo de separação dos ovos.

Os agendamentos e seleção dos atrativos foram realizados pelo guia de turismo local que opera o circuito. O circuito teve duração das 9h30 às 16h30, com possibilidade de se prolongar, mas devido ao horário de retorno da pesquisadora ao Rio de Janeiro, o circuito terminou às 16h30.

A gênese da criação do circuito Caminhos do Brejal é um dado que, de imediato, fornece uma informação importante do lugar de onde partiu a iniciativa de sua implementação. A data da criação do circuito, conforme o portal do site *Acontece em Petrópolis* (2011), foi no ano de 2002. Segundo o portal, a iniciativa surgiu de uma ação conjunta da Prefeitura de Petrópolis com o grupo de moradores do local. Na fase inicial, o projeto também contou com o apoio de agências de turismo e com o Sebrae (Serviço de Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), que, incentivados pela Prefeitura, atuaram na disponibilização de cursos, como o curso de guia de turismo.

A partir do relato de uma das proprietárias, é mencionado no *site* que, durante os primeiros dois anos, a Prefeitura e o Sebrae apoiaram o projeto e, após esses anos, os moradores seguiram com a atividade por conta própria. Atualmente, os autores Azevedo e Miranda (2017)



destacam que o circuito é composto por empreendedores e opera em um plano de associativismo, que visa o fortalecimento do circuito turístico Caminhos do Brejal.

Embora a gestão do circuito seja realizada por meio do associativismo, isso por si só, não configura um turismo cujas bases são completamente comunitárias. O turismo de base comunitária é um modelo de turismo que coloca as comunidades locais no centro do desenvolvimento e da gestão das atividades turísticas em suas regiões. Para Irving (2009, p. 112), “não é possível imaginar uma iniciativa de turismo de base comunitária resultante de uma decisão externa, de uma intervenção exógena à realidade e aos modos de vida locais”. Desse modo, embora atores externos possam desempenhar um papel como “indutores” desse tipo de turismo, a verdadeira eficácia e sustentabilidade do projeto dependem da motivação interna, do desejo e do envolvimento ativo dos grupos sociais locais. O autor ressalta que, sem essa motivação interna, o TBC não conseguirá atender às demandas de desenvolvimento local e não contribuirá para o fortalecimento do protagonismo social, condição essa essencial para o sucesso dessa tipologia de turismo (Irving, 2009).

Pela perspectiva de Irving, embora seja constatado o protagonismo local na operação turística do circuito Caminhos do Brejal, por outro lado, a motivação da iniciativa não surgiu dos produtores locais; foi, como explica Irving (2009), o resultado de uma decisão externa a comunidade, cujo fluxo de convergência partiu da prefeitura local para a comunidade do Brejal. Porém, ainda é necessário inferir se o desejo e o envolvimento ativo no projeto pela maioria é significativo. Durante o estudo in loco, não foi possível produzir esse dado, mas, consoante a informação do guia de turismo local do circuito, nem todos os produtores rurais se envolveram com o projeto.

Dentre os atrativos que incorporavam os modos de produção local, foi percebido que para a maioria dos produtores rurais, o turismo por meio do circuito é um ativo complementar à renda da produção rural, sobretudo, em períodos de sazonalidade da produção agrícola. Essa percepção dialoga com o apontamento de Xavier (2007, p. 61), em relação ao implemento de bases locais para o turismo, quando diz: “Há, também, expectativas de um aumento de renda e de empregos e, conseqüentemente, de melhoria da qualidade de vida da população”.

Outro ponto importante destacado por Xavier (2007) diz respeito ao mau planejamento da estratégia, envolvendo uma avaliação prévia dos impactos, a definição da capacidade de carga e a implementação de um programa de educação ambiental a partir do turismo. Durante



o estudo *in loco*, foi constatado um planejamento prévio existente no que diz respeito à capacidade de carga. Todos os produtores são unânimes em não aceitar um grupo com mais de 15 pessoas durante a visitação de suas propriedades. Isso demonstra uma preocupação sustentável por parte dos produtores em relação ao ambiente.

Na visita ao Armazém Sustentável, os visitantes participam previamente de uma aula sobre como ocorre o processo de uma produção totalmente orgânica e a necessidade de uma consciência ambiental nos meios de produção agrícola.

Sobre a produção orgânica, o circuito do Brejal se destaca pelo cultivo de produtos orgânicos, certificados; por possuírem empreendimentos que ofertam produtos e serviços de qualidade e por serem referência do programa Talentos do Brasil Rural, promovido pelo Ministério do Turismo em parceria com o Sebrae. O programa visa fomentar a agricultura familiar e aperfeiçoar a oferta turística (Brasil, 2012).

Embora uma parte dos produtores não siga essa tendência sustentável, como foi visto durante o estudo *in loco*, os que seguem estão tendo resultados significativos tanto em termos econômicos quanto em relação à qualidade de seus produtos e mitigação de certos impactos ambientais em suas propriedades.

Em relação às limitações e potencialidades do circuito Caminhos do Brejal desenvolver o TBC, o quadro na sequência, adaptado dos autores Fabrino, Costa e Nascimento (2016), possibilitou essa avaliação e análise. Veja-se:

Quadro 2 Potencialidades e limites do circuito Caminhos do Brejal para desenvolver o TBC

Dominalidade	Refere-se ao grau de domínio da comunidade sobre os aspectos de controle, propriedade e gestão da atividade turística;	Apresenta limitação.
Organização comunitária	Refere-se ao modelo e processo de gestão consolidado em torno do TBC, além de sua interação com o ambiente externo;	Apresenta potencial
Democratização de oportunidades e repartição de benefícios	Refere-se à existência de mecanismos/acordos que contribuem para a repartição dos benefícios advindos da atividade turística na localidade e para a democratização de oportunidades no acesso de seus membros às atividades relacionadas ao turismo;	Apresenta limitação



Integração econômica	Evidencia a integração do turismo com as outras atividades econômicas da localidade, identificando novos arranjos surgidos a partir do seu advento.	Apresenta potencial
Interculturalidade	Relaciona-se com o intercâmbio cultural e a troca de referências e experiências estabelecidas entre os turistas e a comunidade local;	Apresenta potencial
Qualidade ambiental	Refere-se às condições da comunidade com relação ao saneamento ambiental e, ainda, às formas de manejo dos recursos naturais locais.	Apresenta potencial

Fonte: elaborado pela autora com base em (Fabrino; Costa; Nascimento, 2016).

A leitura do quadro acima apresenta um potencial significativo para o circuito do Brejal desenvolver o TBC, com limitações associadas à criação de um modelo equitativo, solidário, de economia entre os produtores a partir da estratégia turística apoiada nos valores e bases locais. A dominialidade do grupo de produtores em relação à autonomia total da gestão ainda é um aspecto que necessita de melhor investigação e por isso apresenta limitação. Embora exista uma associação dos produtores rurais, como explicou o guia do circuito, e eles sejam os donos do espaço rural onde estão inseridas as propriedades; há outras associações envolvidas diretamente na gestão e operação do circuito, como a “Associação Sócio-Educativa e de Turismo Eco-Rural do Circuito Caminhos do Brejal” (Brasil, 2012). Dessa associação educativa fazem parte outros atores locais, como artesãos e outros envolvidos com atividades de bases locais. O aprofundamento das particularidades dessa diversidade participativa comunitária requer um estudo mais amplo, que, no momento, não cabe nessa pesquisa.

A democratização do acesso às atividades relacionadas ao turismo, tanto dos membros quanto de outros produtores locais, que ainda não fazem parte do projeto, é outro ponto importante de limitação que deve ser posto na pauta da gestão associativa do circuito. Por fim, é necessário reforçar que a mobilização social, para a operação do circuito é um fenômeno que precisa surgir no interior de todo o grupo de produtores e não por influência de estímulos externos, como apontou Irving (2009).

Foi visto que um ponto fundamental para o desenvolvimento do turismo de base comunitária na comunidade do Brejal diz respeito a um movimento integrado da comunidade para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, os produtores rurais que já participam do circuito



podem desenvolver estratégias eficazes que promovam a participação inclusiva dos membros locais e incentivem o fortalecimento das relações interpessoais dentro da comunidade de produtores. Como resultado, uma gestão associativa fundamentada no movimento interno, participativo comunitário, cria bases tanto para a sustentabilidade e o sucesso do circuito turístico Caminhos do Brejal.

3 CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi o de realizar uma análise das potencialidades e limitações ao desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária, envolvendo a pequena comunidade rural do 5º distrito de Petrópolis–RJ, que fazem parte do circuito turístico denominado: “Circuito Eco Rural Caminhos do Brejal”.

Para esse fim, o estudo apresentou as primeiras aproximações do desenvolvimento do turismo; o desenvolvimento do turismo de base comunitária; O TBC no contexto rural; circuitos turísticos como ferramenta de planejamento e gestão do turismo; o circuito turístico eco rural Caminhos do Brejal e; os limites e potenciais que o circuito apresenta para desenvolver um turismo de base comunitária. Nesse sentido, apresentou a importância do protagonismo das motivações dos produtores, da região em que ocorre o circuito, em implementar o turismo apoiado nos valores locais das atividades rurais por eles realizadas.

Atualmente, a coesão social do grupo de produtores ainda é insuficiente para promover também uma coesão das motivações e pensamentos comuns em relação ao trabalho conjunto das atividades do turismo por meio do circuito. Então, é preciso identificar os elementos que não estão presentes na organização existente que opera o circuito e que, ao mesmo tempo, dificulta o acesso do restante do grupo de produtores.

Outro ponto, embora o apoio externo seja importante, esse não pode interferir no total controle do grupo de produtores sobre a atividade, sobretudo, no que diz respeito a economia gerada; que deve ser acordada previamente, conforme especificado nos moldes de Fabrino, Costa e Nascimento (2016), por meio de acordos que garantam a distribuição equitativa/equivalente dos benefícios produzidos pelo turismo para todos os envolvidos.

Assim, com base no levantamento bibliográfico e na revisão de literatura, além do estudo realizado *in loco*, constatou-se que a principal limitação do potencial do circuito Caminhos do Brejal para desenvolver o Turismo de Base Comunitária está nessa coesão entre



todos os próprios produtores. Tal limitação atualmente é um obstáculo para a integração social, sendo essa necessária na atividade do turismo de base comunitária. Ressalta-se, por fim, que a pesquisa enfrentou algumas limitações, como o volume limitado de publicações acadêmicas específicas sobre o circuito. Ademais, dada a complexidade do estudo, que envolve múltiplos atores, sugere-se que para futuras investigações é necessária uma análise mais aprofundada dessa diversidade participativa. Isso pode ser alcançado por meio de novas pesquisas de campo, abordando outras propriedades integrantes do circuito e fortalecendo o diálogo constante com a literatura e conceitos discutidos ao longo do estudo. Essa abordagem permitirá explorar alternativas viáveis para superar as limitações identificadas, compreendendo o potencial do turismo comunitário no contexto do Circuito Caminhos do Brejal.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Cristiane; MIRANDA, Sara. Cidade Imperial – Petrópolis: reflexões sobre os meios de hospedagem do Circuito Eco Rural do Brejal. In: **El Turismo a Diferentes Escalas**. Sucre: Centro de Estudios Transdisciplinarios, 2017. (Turismo). p. 43–48.

BLANCO, E. S. O turismo rural em áreas de agricultura familiar: as “novas ruralidades” e a sustentabilidade do desenvolvimento local. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009. p. 76-91. Parte I. Disponível em: https://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_burszyn.pdf. Acesso em: 06 jan. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. Governo Federal. **Roteiro Caminhos do Brejal recebe Talentos do Brasil Rural**: esse foi o décimo destino a receber o projeto do ministério do turismo. Esse foi o décimo destino a receber o projeto do Ministério do Turismo. 2012. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/roteiro-caminhos-do-brejal-recebe-talentos-do-brasil-rural>. Acesso em: 07 jan. 2024.

BRANCO, P. M. C.; MAGALHÃES, L. H. Turismo de massa: uma construção do capitalista. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, [S.L.], v. 21, n. 41, p. 23-29, mar. 2020. ISSN 2596-2809. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/1281>. Acesso em: 07 jan. 2024.

CIRCUITOS ECORRURAIIS. **TURISPETRO**. Disponível em: https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/inc_rotairos/circuito-do-brejal.pdf. Acesso em: 15 jan.2024.



CONTI, Bruna Ranção; ANTUNES, Diogo de Carvalho. TURISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA APROXIMAÇÃO RELUTANTE. **Rosa dos Ventos**, vol. 12, núm. 1, 2020. Universidade de Caxias do Sul, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473563286008>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FABRINO, N. H.; NASCIMENTO, E. P. do; COSTA, H. A. Turismo de Base Comunitária: uma reflexão sobre seus conceitos e práticas. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 172-190, dez. 2016. Disponível em: <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1178/506>. Acesso em: 26 dez. 2023.

FUINI, L. L. Circuitos turísticos no Brasil: governança e políticas públicas. **Revista Geográfica Venezolana**, Universidad de Los Andes. Mérida, Venezuela, v. 55, n. 1, p. 45-67, jun. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3477/347732465003.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

GUZZATI, T. C.; SAMPAIO, C. A. C.; CORIOLANO, L. N. M. T. Turismo de base comunitária em territórios rurais: caso da associação de agroturismo acolhida na colônia (SC). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 93-106, jan. 2013. Trimestral. Acesso em: 07 jan. 2024

IRVING, M. A. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária – inovar é possível? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009. p. 108-119. Parte I. Disponível em: https://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_burszyn.pdf. Acesso em: 03 jan. 2024.

IRVING, M. de A. Turismo, Áreas Protegidas e Inclusão Social: uma triangulação necessária em planejamento, no caso brasileiro. In: **Turismo, Áreas Protegidas e Inclusão Social: diálogos entre saberes e fazeres**. 1. ed. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2015. p. 51–79. Acesso em: 07 jan. 2024.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009. p. 76-91. Parte I. Disponível em: https://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_burszyn.pdf. Acesso em: 06 jan. 2024.

Os desafios do Turismo Rural Comunitário no Brasil. Instituto Brasil Rural. Disponível em: https://www.institutobrasilrural.org.br/navegacao.asp?id_menu=2&id_conteudo_exibir=116. Acesso em: 28 dez. 2023.

PETRÓPOLIS. Secretaria de Turismo (TURISPETRO). Prefeitura Municipal de Petrópolis. **Plano Diretor de Turismo de Petrópolis 2023 - 2030**. 2023. Disponível em:



<https://www.petropolis.rj.gov.br/turispetro/downloads/Plano-Diretor-de-Turismo-2023-2030.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023.

SCHMIDT, André de Barros. **Manual de técnicas de trabalhos acadêmicos**. 1. ed. Osasco: Edifício, 2014. (Coleção Texto de Metodologia). Acesso em: 27 jan.2024.

SÉRIE BREJAL: PROJETO ECO-RURAL CAMINHOS DO BREJAL. **Acontece em Petrópolis**, 2011. Disponível em: <https://www.aconteceempetropolis.com.br/2011/05/29/serie-brejal-projeto-eco-rural-caminhos-do-brejal/>. Acesso em: 03 jan.2024.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário**, 2004. Acesso em: 12 jan.2024.

TEIXEIRA, A. R.; DE SOUZA, M.; WANDSCHEER, E. A. R. A emergência do associativismo enquanto forma de gestão de roteiros turísticos rurais. **TURISMO, ESPAÇO E ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL**, p. 71, 2012. Acesso em: 05 jan. 2024.

TITO, A. L. de A., BRUMATTI, P. N. M., & NÓBREGA, W. R. de M. (2017). Pós-modernidade e Turismo: Reflexões Acerca da Experiência Turística no Contexto das Agências de Viagens. *Revista Turismo Em Análise*, 28(3), 424-437. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v28i3p424-437>. Acesso em: 26 jan.2024.

VOTRE, S. J.; NEVES FILHO, H.; BERG, R. da S.; FARIAS, B. M. de; SANTOS, F. M. C. dos; SATIRO, H. A. C. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATIVIDADE AGRÍCOLA NO BREJAL, PETROPOLIS, RJ. **Semioses**, [S.L.], v. 11, n. 3, p. 60-65, 20 dez. 2017. Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta -UNISUAM. <http://dx.doi.org/10.15202/1981996x.2017v11n3p60>. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/1717>. Acesso em: 11 jan. 2024.

XAVIER, H. A organização Territorial do Turismo Apoiado nos Valores Locais. In: **A Percepção Geográfica do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. (Turismo). p. 51–66.

ZAQUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Letra e Imagem, 2009. p. 55-75. Parte I. Disponível em: https://www.each.usp.br/turismo/livros/turismo_de_base_comunitaria_bartholo_sansolo_burszyn.pdf. Acesso em: 03 jan. 2024.